

Eric Hobsbawm (1917-2012)

Lincoln Secco

Universidade de São Paulo (USP)

Em 2022, completa-se uma década da morte de Eric Hobsbawm, um dos poucos historiadores que recebeu em vida amplo espaço nos meios de comunicação, publicou best-sellers e tem até hoje boa recepção entre os leitores. Suas obras são reimpressas com frequência, bem como traduzidas para inúmeros idiomas. Cosmopolita e erudito, Hobsbawm era capaz de comentar com autoridade e elegância sobre uma miríade de temas. Entre seus prediletos, estavam os impasses humanos do “passado recente”.

Para homenageá-lo, a RAN convidou o historiador Lincoln Secco para escrever um ensaio crítico sobre a obra de Hobsbawm, seu legado no presente e no futuro. Nele, Secco comentou sobre o esforço de Hobsbawm em investigar, refletir e escrever com objetividade sobre seu próprio tempo, o “breve século XX”, fértil em crises e revoluções, êxitos e calamidades.

Por seus vícios e virtudes, Hobsbawm foi historiador do século XX e dos rumos de nosso século XXI. Em nossa “era de incertezas”, sua obra ainda é atual e necessária.

Palavras-chave Eric Hobsbawm – Capitalismo – Guerras – Partidos Comunistas – Revoluções – União Soviética.

Keywords Eric Hobsbawm – Capitalism – Wars – Communist Parties – Revolutions – Soviet Union.

Palabras clave Eric Hobsbawm – Capitalismo – Guerras – Partidos Comunistas – Revoluciones – Unión Soviética.

Submissão

30/05/2022

Aprovação

05/06/2022

Publicação

30/06/2022



ERIC HOBSBAWM

★ 8 de junho de 1917
Alexandria, Sultanato do Egito
(protetorado britânico)

† 1º de outubro de 2012
Londres, Inglaterra

*A principal tarefa do historiador não é
julgar, mas compreender.*

Era dos extremos
: o breve século XX: 1914-1991 (1994)
Trad. Marcos Santarrita. 2. ed.
São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

O historiador britânico Eric Hobsbawm nasceu em Alexandria no ano da Revolução Russa de 1917 e morreu em 2012, ano de revoluções frustradas, intervenções imperialistas no Oriente Médio e ebulição social em todo o sul da Europa.

Hobsbawm viveu o século que retratou em sua obra *Era dos extremos* (1994). Mas, para fins práticos, as suas famosas *Eras das revoluções* (1962), *do capital* (1975) e *dos impérios* (1987) constituíam uma unidade plena. Foi a derrocada da União Soviética que levou o autor a enveredar pela mais difícil arte do historiador: a história do seu próprio tempo.

Como Hobsbawm era militante do Partido Comunista da Grã-Bretanha (CPGB), voltou-se conscientemente para o estudo de séculos anteriores ao XX, nos quais as divergências com o Partido não trariam o risco da dissidência. É assim que ele construiu, ao lado de inúmeros e influentes artigos especializados, a obra de três volumes que o projetou para muito além dos muros universitários onde se abrigam os historiadores profissionais. A biografia *Eric Hobsbawm: A Life in History* (2019), de Richard Evans, revelou o cuidado empresarial com que ele negociou traduções e administrou seus direitos autorais. O Brasil, aliás, foi um país importante nesse aspecto e aqui foram traduzidos ao português praticamente todos os seus livros.

Contribuiu para seu sucesso editorial o estilo direto, a integração dos fatos em molduras coerentes e uma organização didática em que os espaços, as economias, as classes, as artes e as ciências são apresentadas ao leitor comum sem extensas notas de rodapé e discussões com os pares.

Linhas de força

As *Eras* de Hobsbawm podem ser compreendidas a partir de duas linhas de força: a luta de classes e os ciclos do capital. No primeiro livro, *A era das revoluções*, o autor retrata um período de levantamento dos povos contra seus monarcas supostamente absolutos e a independência das Américas. Essa época assiste à Revolução Industrial Inglesa e à Grande Revolução Francesa; às Guerras Napoleônicas e à Restauração; ao nascimento de um socialismo utópico que no máximo assumiu a forma de esperança depositada em experimentos sociais localizados e à gênese das ideias de Marx e Engels.

A era do capital, depois do abalo europeu que foi a Primavera dos Povos (1848), representa exatamente o triunfo daquela “classe média” autoconfiante – a *Mittelklasse* da época de Engels, ou seja: a burguesia. O socialismo, por seu turno, assume ares de certeza científica. Passa da utopia à ciência. A luta entre operários e burgueses ingressa na cena histórica.

É no mais acabado dos três livros, *A era dos impérios*, que Hobsbawm monta um painel invejável, em que a burguesia conquistadora e uma classe operária fortalecida em partidos sociais-democratas e sindicatos influentes chegam ao auge no exato momento em que seu mundo desaba na Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Os nacionalismos destroem os últimos impérios da Era Moderna, como o Habsburgo e o Otomano, e um novo socialismo, radicalizado pela Guerra, chega ao poder com Lênin e os bolcheviques em 1917 e se torna pela primeira vez uma realidade.

Método marxista

Ao contrário de muitos teóricos marxistas, Hobsbawm não produziu grandes discussões conceituais. Os historiadores, como diria Fernand Braudel, raciocinam melhor a partir de exemplos, rentes ao real. Eles são mais práticos, seu ofício é mais antigo e têm a sorte de poder recorrer à arte da narrativa para dar sentido aos processos do passado. Além disso, Hobsbawm pertenceu a uma tradição intelectual empirista e conviveu com uma “escola britânica de historiadores marxistas”, representada por Christopher Hill e E. P. Thompson entre outros.

As considerações metodológicas de Hobsbawm estão entranhadas em sua narrativa. Ele jamais sacrificou os fatos a favor de teorias. Usou a intuição, a memória, a experiência pessoal e a documentação tanto quanto as leituras de Marx, Engels e Lênin. Foi também um leitor de Gramsci, mas deu menos atenção às complexas discussões de Lukács. A consciência da classe trabalhadora que lhe importava era aquela empiricamente constatável na ação sindical e nos partidos operários, bem como na iconografia, na vestimenta e na linguagem.

Longo século XIX

Hobsbawm conseguiu montar um panorama do século XIX sem que a luta de classes aparecesse como derivação automática de causas econômicas. Mas ao mesmo tempo sem que ela estivesse separada dos ciclos longos da economia. Foi o economista

russo Nikolai Kondratiev quem estabeleceu a ideia de que a economia vive ciclos longos marcados por uma fase *A* (de altos lucros) e uma fase *B* (de queda dos negócios). As ondas longas não têm duração idêntica, pois oscilam entre 47 e 60 anos, sendo a primeira a mais larga. Embora não seja explícito, o fundamento de muitos historiadores econômicos marxistas que adotaram o paradigma de Kondratiev era a lei tendencial da queda da taxa de lucro de Marx.

Não é pacífica qualquer mensuração da taxa média de lucro, bem como não houve consenso sobre como encontrar categorias como mais-valia e taxa de exploração na contabilidade prática dos capitalistas, mesmo mediante aproximações. Embora a referida lei devesse ser calculada em termos muito gerais e abstratos, no plano mundial, ela é operativa para fundamentar períodos históricos, como as *Eras* de Hobsbawm.

As três primeiras *Eras* seguem a periodização dos ciclos longos da economia. Entre a Revolução Francesa (1789) e a Primavera dos Povos (1848) temos o período da Primeira Revolução Industrial, a disseminação do uso da energia a vapor e sua aplicação nos transportes ferroviários. Há um boom e uma queda. A Crise de 1848 fecha um ciclo e abre uma era de prosperidade que sustenta o Império de Napoleão III com obras públicas, especulação nas bolsas e uma plethora de capitais após a corrida do ouro na Califórnia. É a fase *A* do segundo ciclo de Kondratiev, descrita na segunda *Era* de Hobsbawm: *A era do capital, 1848-1875*.

A Grande Depressão de 1873-1875 termina o segundo livro e inicia o terceiro volume da trilogia de Hobsbawm: *A era dos impérios, 1875-1914*. Note-se que, na primeira periodização (1789-1848), é todo um ciclo longo que preside a história, mas os marcos fundamentais são políticos, porque é a Revolução Francesa que domina a cena histórica, embora Hobsbawm nos mostre que há uma dupla revolução: a política e a industrial britânica. O segundo volume abrange os movimentos de conjunto de formação das classes sociais fundamentais e das economias entre 1850 e 1873. Trata, portanto, somente da fase *A* de expansão da economia.

O terceiro volume abrange tanto os anos 1873-1896, que foram de depressão, quanto o início de um novo ciclo longo que inicia a Segunda Revolução Industrial, com a eletricidade, o motor a explosão, a química aplicada ao uso de derivados de petróleo e o fluxo de lingotes de ouro da Austrália, África do Sul e Canadá.

O que impressiona o historiador é que o período de boom (1850-1873) foi liberal, quebrou barreiras alfandegárias e promoveu uniões monetárias na Europa. Mas a ele sobreveio a Grande Depressão e o protecionismo. Não estamos vivendo isso com a Crise de 2008 depois de um macabro festim de liberalismo?

O curto século XX

Em 1994, Hobsbawm lançou a *Era dos extremos*, cuja organização interna segue a das obras anteriores, mas é bastante diferente em seu conteúdo. Trata-se de um livro que narra o século soviético e procura responder ao desencanto do fim do socialismo real. Aceita o seu “fracasso”, mas defende as opções que muitos comunistas fizeram em circunstâncias nas quais era preciso ser radical, como em 1933 (ano da ascensão dos nazistas ao poder).

O próprio Hobsbawm era um jovem estudante, judeu e membro do Partido Comunista da Alemanha (KPD), participando da última grande passeata comunista logo depois da ascensão de Hitler. Por pura sorte do destino, sua família – ou o que dela havia restado, pois ele já era órfão – abandonou a Alemanha por motivos econômicos, e ele se salvou da tragédia sofrida nos anos seguintes pelos judeus da Europa.

Os historiadores questionaram a vinculação que Hobsbawm estabeleceu entre a “ameaça” do socialismo real e a adoção do *welfare state* depois da Segunda Guerra Mundial, pois foi a existência de poderosos movimentos operários formados antes da Primeira Guerra que forçou os capitalistas ao pacto social. Também foi a fase do ciclo de Kondratiev, chamada por Hobsbawm de “trinta anos gloriosos”, que permitiu a distribuição estatal de benefícios sociais.

A ideia de que os gastos do Estado, até certo nível, tinham um efeito multiplicador na economia, capaz de recuperar a demanda agregada, induzir os investimentos privados e atingir o pleno emprego nunca foi unânime, mas foi hegemônica a ponto do Estado de bem-estar social ter sido desenvolvido no pós-guerra por governantes conservadores na Itália, França e Alemanha Ocidental, por exemplo. Com exceção da social-democracia sueca, firmemente entrincheirada no poder, não foi um período longo de governos de esquerda que sustentou a intervenção do Estado.

O curto século XX tem como eixo de periodização a existência do socialismo real. Aqui entrou a opção do militante comunista, pois ele não escreveu um volume sobre as duas Grandes Guerras e outro diverso sobre o triunfo do capitalismo regulado e, depois, neoliberal, na segunda metade do século XX. Sua periodização está baseada não no oeste capitalista, mas no leste socialista. Começa com a Guerra europeia que gera a Revolução Russa de 1917 e termina em 1991 com o fim da União Soviética.

Na última das *Eras*, Hobsbawm teve dificuldade de entender o Maio de 1968 e criticou o maoísmo, o anarquismo e o trotskismo. Admirava a política de frente popular definida por Togliatti e Dimitrov em 1935 e o ponto alto do livro são os anos de

luta antifascista. A *Era dos extremos* se compõe muito melhor com sua autobiografia: *Tempos interessantes* (2002).

Estrutura

Para Hobsbawm, o breve século XX se subdivide em três partes: a Era das Catástrofes, que se inicia em 1914 com a Primeira Guerra Mundial e se fecha com o fim da Segunda Guerra Mundial; a Era de Ouro, a qual abrange o pós-Segunda Guerra até a crise mundial de meados dos anos 1970; e, por fim, a Era do Desmoronamento, que fecha as cortinas do palco do século XX.

As catástrofes do breve século XX se constituem de duas tipologias de processos históricos: a guerra entre nações e as guerras civis – acompanhadas muitas vezes de revoluções. O que confere caráter catastrófico a esses eventos e os diferenciam das guerras do passado é a estrutura industrial em que se baseiam: numa sociedade em que a maior parte do produto social ainda era realizada na agricultura, a economia não permitia a mobilização de milhões de homens por vários anos para batalhas encarniçadas; somente o nível de industrialização atingido pela Europa, Estados Unidos e Japão no início do século XX permitiu que surgissem simultaneamente uma alta produtividade do trabalho, um exército de reserva de mão de obra e a generalização de uma atividade liberta da sazonalidade natural inerente à atividade agrícola. Apesar disso, a mobilização em massa de homens para a guerra impôs enormes tensões à força de trabalho, fortaleceu os partidos social-democratas e os sindicatos e suscitou a entrada das mulheres no mercado de trabalho de forma efêmera na Primeira Guerra e permanentemente na Segunda Guerra e depois.

A Revolução Russa, por outro lado, causou um impacto incomensurável na política internacional. O regime soviético surgiu como alternativa de economia racional e planejada numa época em que as democracias liberais e a política do *laissez-faire* fracassavam visivelmente.

Os Estados Unidos terminaram a Primeira Guerra Mundial como grandes exportadores e credores. Os anos 1920 foram de euforia nos Estados Unidos, alimentados pelo crescimento da produtividade e pela especulação financeira. A recuperação europeia e a insuficiência de demanda no país se refletiram na desvalorização abrupta das ações da Bolsa de Nova York em 1929. Para Hobsbawm, tratava-se de uma crise de superprodução e especulação.

Estado e mercado

No entanto, os marxistas não ofereciam nenhuma solução para a crise dentro do capitalismo. Na União Soviética estavam dedicados a construir uma economia planificada socialista. No Ocidente, quando assumiam algum governo ou a pasta de finanças, como Rudolf Hilferding na República de Weimar, não exibiam nenhuma política econômica que se pudesse chamar de “marxista”.

A partir dos anos 1930, os países ocidentais adotaram políticas intervencionistas para recuperar a acumulação e o nível de emprego. Uma das ideias centrais era a de que o consumo aumenta quando o rendimento cresce, embora nunca no mesmo grau de aumento do rendimento. Ou seja, gasta-se mais, porém menos do que o possível. A diferença entre o rendimento nacional e o gasto em consumo é a poupança. Assim é necessário que a poupança seja investida, que é outra forma da demanda.

Para Keynes, os empresários investem até o momento em que não haja mais nenhum bem de capital “cuja eficiência marginal exceda a taxa de juro” (*Teoria geral do emprego, do juro e da moeda*, 1936), ou seja, eles comprem equipamentos industriais sempre que a expectativa de retorno de um investimento é superior ao que eles teriam que pagar pelos empréstimos ou poderiam obter com títulos do governo.

Na União Soviética, Hobsbawm destaca a desfiguração da base social do Partido Bolchevique e o retrocesso político operado por Stálin. A Guerra Civil Russa (1918-1921) matou a maior parte dos operários industriais soviéticos e desindustrializou o país. Além disso, a estrutura de partido de vanguarda de quadros disciplinados construída por Lênin facilitou a burocratização e a emergência de uma tirania. Enquanto Lênin é descrito com adjetivos elogiosos ou de forma positiva, Stálin não é poupado por Hobsbawm.

Aqui o historiador inglês não comete o erro de reduzir uma personagem histórica apenas às condições objetivas em que atuou. Certamente, sem Stálin, as circunstâncias que provocaram a burocratização do poder soviético existiriam, mas talvez a velha guarda do partido não tivesse sido eliminada. Segundo Hobsbawm, por meio da concentração de poder pessoal, Stálin pode governar pelo terror e pelo medo.

Em 1934, no XVII Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), ainda havia uma substancial oposição interna a Stálin. Mas entre 1934 e 1939, 5 milhões de membros do Partido foram presos, quatrocentos ou quinhentos executados sem julgamento e o XVIII Congresso do PCUS, reunido em 1939, continha 37 sobreviventes dos 1827 delegados presentes em 1934, segundo Hobsbawm.

Segunda Guerra

A combinação explosiva do fracasso do liberalismo, dos nacionalismos fascistas e do socialismo só poderia levar o mundo a uma nova guerra mundial. Fato determinante foi a aliança entre Inglaterra, Estados Unidos e União Soviética contra as potências do eixo Roma-Berlim-Tóquio, com destaque para o esforço de guerra soviético. Quanto à resistência, o historiador marxista a recoloca em seu justo papel histórico: ela não teve grande importância militar exceto em países como Albânia, Grécia, Iugoslávia e Romênia, onde revoluções socialistas vitoriosas ou não expulsaram os nazistas. Mas, mesmo assim, isso só foi possível pelo enfraquecimento terminal da Wehrmacht ante as investidas do exército vermelho depois de Stalingrado.

Entretanto, a resistência teve um papel político de enorme importância e selou o passaporte para o prestígio político e eleitoral das forças e dos líderes que não se humilharam perante Hitler. Por isso, os comunistas saíram da guerra como atores políticos reconhecidos na maior parte da Europa Ocidental e assumiram o poder nos países ocupados pelo Exército Vermelho ou onde tomaram o poder por conta própria. O prestígio da vitória de Stalingrado e da hegemonia comunista na Resistência foram grandes, sobretudo porque eles já tinham uma estrutura clandestina de revolucionários profissionais apta à resistência antifascista, enquanto os partidos socialistas de massas e liberais foram simplesmente destroçados pelos alemães.

Trinta anos gloriosos

A Era de Ouro foi a dos anos de crescimento ininterrupto do capital, a das transformações sociais gigantescas que praticamente aboliram a existência do campesinato como maioria da população em quase todos os países industrializados – exceto China e Índia –, difundiram e popularizaram a cultura erudita por meio do rádio, televisão, discos de vinil, criaram a pop art, o rock e implodiram as fronteiras entre a arte tradicional e o marketing, a publicidade, o futebol – brasileiro e dos anos 1960 de preferência – o cinema de entretenimento etc. A descolonização pôs fim ao Império Britânico e os Estados Unidos ditaram a nova forma de intervencionismo direto ou indireto, mas quase sempre usando governos títeres nativos.

A Guerra Fria, que se iniciara em 1945 e se prolongou, para Hobsbawm, até o encontro entre Reagan e Gorbachev em 1986 na Conferência de Reykjavík, passara por

um período de degelo com Khrushchev. Apesar da Crise dos Mísseis, em 1962, assinaram-se nos anos 1960 alguns acordos para limitar armas estratégicas e controlar os mísseis antibalísticos.

Com a Guerra do Yom Kippur entre Síria e Israel e a crise mundial em 1973, iniciam-se a Era do Desmoronamento e a Segunda Guerra Fria: os Estados Unidos estão atolados num Vietnã apoiado pelos soviéticos; novas revoluções explodem no terceiro mundo (Irã, Nicarágua, El Salvador); a União Soviética invade o Afeganistão; a corrida armamentista amplia-se no início dos anos 1980; e, por fim, sobrevem a derrota do comunismo histórico, ou do socialismo real.

Combinam-se a crise final do comunismo histórico – embora Hobsbawm lembre que não se pode esquecer a China – com a crise, ainda não terminal, do capitalismo; a transformação capitalista das economias centralmente planejadas, com hegemonia neoliberal; globalização com separatismo e conflitos étnico-religiosos; facetas de uma mesma e “única crise global”.

Não por acaso, esse breve século XX começa em 1914 em Sarajevo, com o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, e poderia terminar simbolicamente com o futuro como incógnita nos rostos desesperançados dos que vivem a Guerra da Bósnia (1992-1995), nesta mesma cidade de Sarajevo – cujo fim das hostilidades também foi celebrado em Paris.

O fim da União Soviética

Cabe lembrar que Hobsbawm toma como eixo de seu breve século a existência da primeira experiência socialista da história. Assim, ele se inicia em 1917 e finaliza em 1991 com a dissolução da União Soviética. Mas ele é instigante ao mostrar que a Guerra Fria terminou antes, isto é, não como sucesso da política de Reagan após a queda do Muro de Berlim, e sim por iniciativa interna da União Soviética e de Gorbachev – a já citada Conferência de Reykjavík, em 1986.

Da mesma forma, a crise do socialismo é indicada na era de Brejnev (estagnação) e não na decisão crucial de construir o socialismo autárquico no período stalinista (cerca de 1930 a 1953).

As dificuldades que a classe trabalhadora ocidental enfrentou a partir dos anos 1990 foram atribuídas comumente ao fim da União Soviética. O medo que o campo socialista impunha à burguesia ocidental desapareceu e esta se dedicou a privatizações e à retirada de direitos trabalhistas, particularmente nos antigos países do leste europeu.

No entanto, a onda neoliberal antecedeu o fim da União Soviética, basta recordar os casos do Chile (1973) e da Inglaterra (1979), que iniciaram seus experimentos neoliberais antes da crise final do socialismo. Por outro lado, houve mudanças objetivas no mundo do trabalho associadas à ofensiva ideológica, à financeirização desenfreada da riqueza e à internacionalização de cadeias produtivas, o que deu uma vantagem decisiva ao capital frente ao trabalho.

Ainda assim, o desaparecimento da União Soviética provocou a desagregação do movimento comunista internacional e de grandes partidos como o PC italiano; conferiu aos Estados Unidos o status de única potência por alguns anos e deu à direita um importante argumento ideológico contra a esquerda. Por fim, a Crise de 2008 sepultou uma parte das políticas econômicas liberais.

Hobsbawm continuou escrevendo artigos e dando entrevistas que se tornaram livros. Ele analisou o imperialismo estadunidense e a questão do terrorismo e assistiu ao início de uma nova longa depressão. A taxa de lucro caiu desde os anos 1970 e suas fases de recuperação foram curtas e abaixo dos níveis de rentabilidade anteriores. Mesmo na China – apesar do inegável sucesso econômico de sua recente Revolução Industrial –, a economia se submete aos imperativos da lei da queda tendencial da taxa de lucro de Marx. Apesar de ter contado com mão de obra barata, a intensificação de investimentos em maquinaria elevou a composição orgânica do capital. Em termos mundiais, a taxa média de lucro apresentou recuperação nos anos neoliberais, mas logo voltou a declinar.

Eric Hobsbawm nos deixou diante de uma nova era de incertezas e de novas turbulências geopolíticas. Ele foi um historiador de notável poder narrativo, fundado em extensa pesquisa empírica. As periodizações que ele estabeleceu e a amplitude mundial do foco de análise só poderiam, contudo, determinar alguma superficialidade inevitável em alguns casos, o que foi plenamente compensado pela arquitetura dos processos históricos construída pelo autor. Ele ainda escolheu suas causas sem traí-las e escreveu para os que amam a História. Por tudo isso, senão para os acadêmicos, para milhares de leitores e leitoras ele foi o principal historiador do século XX.